

O LETRAMENTO E O ENSINO DE LITERATURA: POR QUE NÃO ENSINAR COM OS CLÁSSICOS?

LITERACY AND TEACHING LITERATURE: WHY DO NOT TEACH WITH THE CLASSICS?

Iranildo Mota da Silva 1

Resumo: Nas últimas décadas, é visível o afloramento das discussões que permeiam a questão da prática de leitura de textos literários nas nossas salas de aulas; seja dentro da academia ou na nossa educação básica. Outro apontamento trazido por essas discussões direciona o nosso olhar para a questão da (in) eficácia do texto literário clássico para o tão debatido letramento literário. Diante deste cenário, este artigo tece discussões que venham a contribuir para reflexões acerca do ensino de literatura na academia e nas escolas, além de traçar um panorama de como vem sendo enxergada a questão do letramento literário, texto literário e seu contexto e o ensino de literatura. Para tanto, este artigo se fundamenta nos estudos de Cândido (1995) e Cosson (2006) os quais apontam uma lacuna no que se refere ao ensino de literatura que está muito além da escolha dos textos literários.

Palavras-chave: Leitura. Ensino. Literatura. Letramento literário. Textos Clássicos.

Abstract: In the last decades, the appearance of the discussions that permeate the practice of reading literary texts in our classrooms is apparent; either within the academy or in our basic education. Another note brought by these discussions directs our insight to the question of the (in) effectiveness of the classical literary text for the much debated literary literacy. In this scenario, this article presents discussions that will contribute to reflections about the teaching of literature in academia and schools, besides outlining an overview of how the issue of literary literacy, literary text and its context and literature teaching have been seen. Therefore, this article is based on the studies of Cândido (1995) and Cosson (2006) which point to a gap in the teaching of literature which is far beyond the choice of Literary texts.

Keywords: Reading. Teaching. Literature. Literary literacy. Classic Texts.

Doutorando em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui mestrado em Estudos da Linguagem na área de literatura comprada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), (2018, Conceito 5 Capes). Pós-graduado em Leitura e produção de textos pela UFRN e Especialista em Ensino de Literatura pelo Instituto Federal de Educação e Tecnologia (IFRN). Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2874454834098473> .Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3916-2555>
E-mail: iranildomota@gmail.com

Introdução

Dentro das instituições acadêmicas, em fóruns nacionais e internacionais, presenciamos, durante muito tempo, uma calorosa discussão acerca da forma como se vem conduzindo o ensino de Literatura, em especial no que tange às questões de letramento literário nas escolas. Outra discussão muito presente gira em torno das reflexões em relação à (in)eficiência dos tipos de textos literários em relação ao tão sonhado letramento dos alunos da rede básica de ensino do nosso país. Discussões essas que tentam levantar hipóteses e, a partir delas, buscar soluções que venham a contribuir de forma direta para uma eficiência do letramento e que seja resultante de uma eficiente prática pedagógica, pois sabemos que esta última tem grande relevância quanto à escolha do texto literário, cujo objetivo venha a ser a inserção dos alunos na prática de leitura e, conseqüentemente, do tão objetivado letramento.

Quando nos deparamos com estudos que trazem resultados com propostas eficazes, muitos apontam o livro didático, a falta de investimentos na educação, a desvalorização que é dada a Literatura, entre outros fatores, como vilões que ocasionam a ineficiência do letramento literário nas escolas de todo o país.

O livro didático, por muito tempo, era a única ferramenta da qual o professor fazia uso para o ensino em sala de aula. Desta forma, o ensino de Literatura estava condicionado ao livro didático, bem como aos textos literários apresentados por ele. Isso limitava o conhecimento do aluno e as metodologias do professor.

Essa postura pedagógica primitiva de ensino nos faz refletir sobre a forma como a Literatura e o texto literário estão sendo apresentados nas escolas. O que enxergamos é que, no Ensino Médio, a prática da leitura fica restrita ao contato com fragmentos e/ou resumos de obras e críticas literárias, sendo que a grande maioria dessas leituras são motivadas por cobranças advindas de seleções de vestibulares e outros processos seletivos, cujos conteúdos cobrados aos alunos se restringem, na maioria dos casos, a questões acerca da narração ou ligados às questões de cunho gramatical dos textos. Isso se deve à forma como a escola trata o ensino desta “arte”, e à maneira com a qual os materiais didáticos trazem o ensino de Literatura: um ensino voltado exclusivamente para escolas literárias e para análises sórdidas de textos literários.

É claro que existem muitos outros fatores que contribuem para tal fracasso, no entanto, alguns são preponderantes para que a Literatura esteja em um constante processo de ameaça, e citando alguns, chegaremos à forma como se trabalha o texto literário e os tipos de textos que são trabalhados em sala. Sobre isso, Compagnon (2009) afirma que os textos didáticos corroem a literatura e que a cada dia promulgamos um adeus a ela. Quando observamos a forma como é conduzido o ensino de Literatura nas escolas, perceberemos que essa corrosão é ainda mais alarmante. Todavia, não devemos direcionar a culpa desse fracasso diretamente para os livros didáticos, por mais que saibamos que suas falhas sejam visíveis (no que concerne ao tratamento dado à Literatura), até porque o professor deve tê-los como um dos suportes de ensino, mas não como o único.

Verifica-se, portanto, que o educador deve considerar a função do texto literário como algo muito além, deve tê-lo como uma das ferramentas para humanizar através da Literatura. Afinal, assim como assegura Candido (1995), a literatura é fator universal de humanização e confirma o homem em sua identidade, ela aparece como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. “A Literatura pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2010, p.76).

Dessa discussão emerge outra preocupação: o perigo que corre a Literatura devido à maneira como seu ensino está sendo conduzido em sala de aula. Segundo Todorov (2010), esse perigo consiste no fato de ela não ter poder algum, o de não participar da formação cultural do indivíduo, do cidadão. Dessa forma, ela entraria em uma função apenas de caráter lúdico e deixaria o seu caráter formativo de escanteio.

Por conseguinte, nos perguntamos: Como levar o texto literário para sala de aula? Como formar alunos leitores de textos literários? Quais metodologias utilizar? Há possibilidades de letramento literário por meio dos clássicos? Como fazer acontecer o letramento literário sem

perder o grande sentido do ensino de Literatura: o humanizador? Para tanto, defendemos aqui que existem respostas para todas as essas inquietações que nos cercam, todas positivas e possíveis.

O professor deve buscar várias outras formas que o auxiliem nesta etapa árdua, porém prazerosa e extremamente necessária. Afinal, a tarefa de humanizar nunca foi fácil e nem sempre é possível. Ele tem de buscar formas que possam ajudá-lo a apresentar o texto literário de uma forma que venha a cativar a atenção dos alunos. O professor deve também selecionar métodos que permitam aos alunos um mergulho profundo na obra, algo que vá muito além de uma mera sondagem do conteúdo do texto. Assim, chegaremos ao tão sonhado letramento literário que, para Cosson (2006), é uma prática social e, como tal, é responsabilidade da escola e do professor. A questão a ser enfrentada, ainda segundo Cosson (2006), não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Por isso, consideramos que é de extrema importância que discussões, como a que propomos neste artigo, sejam desenvolvidas dentro da perspectiva do letramento. E ainda vamos muito mais além dessas perspectivas. Mediante os discursos que apresentam e defendem os tipos de textos literários que devam ser responsáveis por esse letramento, ressaltamos a relevância de trabalhos que apontem argumentos que defendam a possibilidade de realização desse processo também por intermédio do uso de romances clássicos de nossa literatura.

É mais que compreensível que, diante de tantos discursos que defendem a ideia de letramento por textos que estejam mais perto do mundo social dos alunos, possam surgir contra-argumentos acerca dessa perspectiva. No entanto, conforme defende Calvino (2003), os clássicos servem para entender quem somos e onde chegamos. Compagnon (2009) completa dizendo que os sujeitos que leem os maiores clássicos e os maiores escritores da literatura se tornam sujeitos melhores. Candido (1995), por sua vez, conclui esse pensamento dizendo que os clássicos são fatores imensuráveis de firmamento pessoal e de formação humana.

Agora nos perguntamos: como negar ao aluno esse direito? Como afirmarmos que não há possibilidade de letramento com Machado de Assis, por exemplo? Como não dizer que em *Dom Casmurro*, um dos maiores clássicos da Literatura brasileira, não há temáticas que contribuam para o crescimento crítico de quem o lê? Onde está a lacuna nas possibilidades de letramento com os romances clássicos? Até que ponto a forma como é trabalhada a Literatura em sala de aula, a postura do professor e os tipos de textos literários apresentados aos alunos influenciam no processo de letramento e, conseqüentemente, de humanização desses alunos? Se a literatura tem um papel formador e humanizador, por que ela está cada vez mais sendo vista com tão “poucos olhos” em sala de aula, tanto pelos alunos, quanto pelos professores?

Diante de tantas questões, objetivamos, portanto, ir muito além e traçarmos como objetivo principal deste artigo discussões que venham a contribuir para reflexões acerca do ensino de literatura na academia e nas escolas de todo o Brasil. Pretenderemos provocar o surgimento de reflexões que tragam soluções e que venham a contribuir para um melhor ensino de literatura em sala de aula e, por conseguinte, para uma eficácia do processo de letramento literário.

O que dizem os clássicos

No afã de tentar pelo menos sanar algumas das inquietações acerca do ensino de Literatura no Ensino Médio, muitos estudos e pesquisas foram desenvolvidos contemplando o letramento literário e os tipos de textos que proporcionam esse processo. Entre essas pesquisas, há muitos questionamentos sobre as (im)possibilidades de letramento literário com os romances clássicos de nossa literatura. Entre esses estudiosos, poderemos citar a contribuição de Rildo Cosson no tocante ao conceito de letramento e das práticas pedagógicas que vêm contribuindo para a (in)eficácia desse processo, e os estudos de Perrone-Moisés que trazem reflexões acerca do papel e da construção do leitor no século XXI. Segundo Cosson e Paulino (2009), antigamente, letramento era concebido como a habilidade individual de ler e escrever textos para que, com esse domínio, o sujeito letrado entrasse no mundo de trabalho já dominando essas práticas sociais.

Hoje, com o avanço das novas tecnologias e com as modificações que ocorreram nas orientações curriculares nacionais para o Ensino Médio, o professor, de certo modo, teve de modificar sua prática pedagógica, e a escola, conseqüentemente, teve de mudar seus projetos pedagógicos. É óbvio que essas mudanças também vêm acontecendo há muito tempo e, portanto, tanto as antigas, quanto as mais recentes, também interferiram em conceitos que até então estavam engessados. Desta forma, em uma definição mais recente, surgida no período que compreende os anos de 1970 e 1980, letramento deixa de estar relacionado à habilidade ou competência individual de ler e escrever para ser pluralizado com um conjunto de práticas sociais que podem ser inferidas dos eventos que são medidos por textos escritos: “essas competências envolvem os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios específicos” (COSSON e PAULINO, 2009, p. 66-67).

Outro aspecto que não poderemos deixar de contemplar é como se verificava o ensino de Literatura na conjuntura da educação brasileira até as últimas décadas. Essa forma antiquada sufocava o texto literário, que era visto apenas como ferramenta de análise das características do gênero sequência narrativa. Cosson e Paulino (2009) afirmam que quando essas mudanças aconteceram, a tradição escolar do ensino da Literatura não conseguiu acompanhá-las, perdendo-se nos escaninhos da história. A leitura da obra, quando realizada, servia apenas para discussões inócuas de temas vagamente inspirados pelo texto e o preenchimento de fichas de leitura padronizadas. O conhecimento literário foi reduzido a listas sem muito sentido de nomes, datas e características de autores, obras e estilos de época.

A partir dessa reflexão acerca do ensino de Literatura e do letramento literário, poderemos pontuar outra questão que desencadeou estes e muitos outros trabalhos: o ensino dos clássicos em sala de aula como ferramenta para o letramento dos alunos do Ensino Médio.

Muitas são as pesquisas que apontam a relevância do romance erudito, assim como são muitos os trabalhos que mostram a ineficácia dele para esse processo. O que se pretende aqui é elencar possibilidades que garantam a grande participação e contribuição dos romances clássicos para o letramento literário. Em se tratando da importância da leitura dos clássicos, não poderemos deixar de mencionar os estudos de Ítalo Calvino que apontam inúmeros argumentos que defendem essa relevância. Calvino (1993) assegura que, para os leitores a importância da leitura dos clássicos é tamanha que concerne a eles um poder de fazermos entender quem somos e onde chegamos, ou seja, eles também têm o poder de nos fazer perceber a nossa verdadeira identidade como sujeito.

Porém, o que concerne a um romance um título de clássico literário? Segundo Calvino (1993), um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível. Sobre essa atemporalidade dos romances clássicos, Bakhtin (1997, p. 364.) também afirma que as obras clássicas

[...] rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. [...] Ora, muitas vezes a obra aumenta em importância mais tarde, ou seja, insere-se na grande temporalidade. Uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Se ela nascesse por inteiro hoje (em sua contemporaneidade), se não mergulhasse no passado e não fosse substancialmente ligada a ele, não poderia viver no futuro. Tudo quanto pertence somente ao presente morre junto com ele.

Desta forma, poderemos, certamente, além de muitas outras características que asseguram isso, atribuir a muitas obras o título de clássicas. Afinal, não precisamos ir tão longe na crítica literária para percebermos a atemporalidade de obras ocasionada por suas relações com as temáticas do presente.

É importante que saibamos, segundo Calvino (1993), que para que possamos ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário o livro e o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Defendendo e propondo uma postura do professor nesse posicionamento elencado por Calvino (1993), Cosson e Paulino (2009) afirmam que a interferência crítica é um papel que o professor deve cumprir nesse processo de leitura e na formação do aluno leitor. Ela é fundamental para que os alunos ampliem sua competência de leitura lendo textos culturalmente significativos e entendendo o que os faz significativos.

Assim, percebe-se que os estudos desenvolvidos acerca de letramento e do ensino dos clássicos nos apontam uma grande possibilidade de acontecer em sala de aula o letramento literário com os textos ditos eruditos. Dessa forma, veremos a Literatura desempenhando o seu verdadeiro papel que é o de

[...] nos proporcionar sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2010, p. 24)

Em seus estudos desenvolvidos sobre a importância da Literatura e do risco de extinção que ela está correndo, Todorov (2010) ainda aponta que ela não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características, pois as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto.

É nitidamente visível que entramos em outro aspecto formativo do romance clássico: o da interação verbal entre o texto e o sujeito assujeitado ao letramento literário. Observamos, por conseguinte, que existe um diálogo permanente entre o texto literário e o leitor.

Sobre esse diálogo existente entre o romance clássico que forma o sujeito na sociedade e o próprio sujeito, chegaremos aos trabalhos desenvolvidos por Bakhtin (2011), cujas reflexões apontam que o autor entra em contato direto com o leitor e seu mundo, e é somente através de sua relação de valores com o leitor que ele determina sua posição enquanto posição artística, somente por meio do contato com o leitor é que os procedimentos literários formais alcançam pela primeira vez sua importância, seu sentido e seu peso de valores.

Essa relação dialógica existente entre os coenunciadores do romance clássico desempenha um papel fundamental no processo de letramento literário desse sujeito que se depara com ele, pois “o princípio de tal formação histórica do homem encontra-se na quase totalidade dos grandes romances realistas, o que equivale a dizer que sempre estarão presentes”. (BAKHTIN, 2011, p. 241).

O processo de dialogismo, que são as múltiplas relações existentes que um discurso estabelece com as vozes também exterior a ele, por exemplo, é fator contribuinte para que possa haver a intimidade entre o leitor e o romance clássico; não podendo esse valor dialógico ser descartado pelo professor quando trabalhado o romance clássico, por exemplo, em sala. Por isso defendemos que a leitura dos clássicos literários somada às práticas pedagógicas que vejam a Literatura como formadora de um sujeito que mantém um diálogo com este tipo de romance, pode se tornar um fator eficaz para o letramento do aluno no Ensino Médio. Afirmamos ainda que, conforme apontam as reflexões dos grandes pesquisadores acerca desse assunto, trabalhar os clássicos em sala de aula é sim uma das formas possíveis e eficientes para que o letramento literário aconteça. Tudo depende, é claro, de quem trabalha e como se trabalha a Literatura e de como está a presença do professor dentro desse processo de contato existente entre o aluno e o texto clássico.

Os estudos da literatura e sua importância para sala de aula

Para que tenhamos reflexões que contemplem a importância da Literatura para a sala de aula, é preciso primeiramente que apresentemos dois grandes conceitos propostos por Candi-

do (1995). Um trata-se do conceito de Literatura que, segundo ele, são todas as construções de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis sociais, em todos os tipos culturais, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis de produção das grandes civilizações. O segundo refere-se à função do texto literário clássico. Os estudos de Cândido (1995) asseguram que, ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a Literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um “bem incompressível”, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Trazemos também como fundamentação no que concerne ao poder da literatura a contribuição de Todorov (2010, p. 24). Para ele,

a literatura nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Na nossa sociedade, há muitos equívocos quanto às reflexões que apontam o direito à Literatura e, conseqüentemente, ao letramento literário, na medida em que, por vários fatores que permeiam, por exemplo, o péssimo investimento em educação, o povo está praticamente privado de ler e conhecer textos de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, entre outros grandes nomes de nossa Literatura. Uma coisa é certa: há determinadas heranças que somente o romance clássico tem o poder de nos conceder.

Os estudos de Cosson (2006) também serviram como base para essas reflexões, pois apontam que o professor não deve desprezar os textos consagrados, tendo em vista que eles são representantes da herança cultural da humanidade; ele deve privilegiar não a contemporaneidade dos textos, mas a atualidade deles; e diversificar o texto, trazendo para a sala de aula o trivial e o complexo, a fim de manter o interesse dos alunos na aula.

Ressaltamos, portanto, que é um direito dos alunos conhecerem e lerem os grandes clássicos, e um dever da escola e do professor buscar meios que possam provocar esse encontro. Por isso, defendemos aqui que esse encontro deve e também pode ser provocado pela tentativa do letramento literário com os romances clássicos. Não queremos afirmar que esse letramento não possa também ser alcançado por obras ditas marginais ou de massas, até porque o próprio Cândido (1995) defende que as obras de Literatura de massa são modalidades importantes para o letramento em sala de aula, mas é muito grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas.

Sobre o papel da Literatura nas salas de aula no Ensino Médio, os estudos de Cosson (2010) defendem que, por ter a função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas.

Na verdade, o que se percebe é que a questão não é o fracasso do romance clássico em relação ao letramento, o que percebemos é a segregação que é feita quanto à apresentação desses textos nas salas de aula. Muitas das vezes as práticas pedagógicas subestimam a capacidade dos nossos alunos e acabam privando-os do prazer de conhecer textos como *Dom Casmurro*, livro do célebre Machado de Assis, e, conseqüentemente, não permitem que esses alunos possam ser humanizados pelo texto literário clássico. Entendemos aqui como processo de humanização

[...]o processo que confirma o homem aqueles traços que reputamos essenciais como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afirmamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o culto do humor. (CANDIDO, 1995, p. 243)

Os estudos de Compagnon (2009) também refletem sobre o processo de leitura de romances em sala de aula e, conseqüentemente, para o processo de letramento. Segundo esses estudos, somente a leitura intensa e constante é capaz de construir e desenvolver um sujeito autônomo. Ela inicia o sujeito no mundo de forma exclusiva.

É meio que duvidoso apontarmos que somente o romance, seja ele clássico ou não, tem o poder de tornar o leitor um ser social humanizado e, conforme defendido por Compagnon (2009), é a mais pura e sólida verdade, pois sabemos que todas as formas de narração nos falam da vida humana; o romance clássico, entretanto, o faz com mais atenção, pois seu instrumento penetrante é a língua, e ele deixa toda a sua liberdade para a experiência imaginária durante o prolongamento da leitura.

O dialogismo nos romances: implicações para o processo de letramento

Apresentamos também uma proposta de reflexão acerca da importância que o professor deve dar às diversas formas de diálogos que acontecem entre romance/autor e leitor. Para isso, parte-se da ideia de que o romance clássico tenha de ser trabalhado de uma forma que possa ir muito além de meras avaliações sórdidas sobre estrutura narrativa.

Verificamos esse processo de dialogismos nos estudos de Bakhtin (2011). Para esse autor, certos romances têm um caráter puramente biográfico e autobiográfico, outros não; uns organizam-se em torno da ideia pedagógica da educação do homem, outros se interessam dela. Observa-se, então, a importância dos romances para a formação do sujeito leitor e o quanto é importante que o professor aponte e permita esse diálogo em sala de aula. Dessa forma, o professor não pode achar que o aluno tem a mesma maturidade que ele para enxergar diálogos e veredas interpretativas que vão desde o enredo à estrutura de uma obra. Por isso, é muito importante que o educador também se insira no processo de leitura com seus alunos, pois é a partir dessa inserção dele que os alunos direcionam um olhar mais eficiente ao texto.

Bakhtin (2007) ainda confirma que nesta fórmula de romance, o herói (sujeito leitor) e seu caráter se tornam uma grandeza variável. As mudanças pelas quais passam o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será repensado e reestruturado. Pode-se chamar esse tipo de romance, numa acepção muito ampla, de romance de formação do homem. Essa contribuição é dada pelo romance clássico através dos vários diálogos criados entre o texto, o contexto e o leitor. Isso deve ser apontado, trabalhado e jamais deve ser ignorado em sala de aula pelo professor durante o processo de leitura por parte do aluno.

Certamente poderemos considerar esse dialogismo como uma arma eficaz para o romance clássico que, ao dialogar com os sujeitos leitores e com os contextos nos quais esses sujeitos estão inseridos (alunos e professores), funcionam como grandes armas para o processo de letramento literário com os clássicos em sala de aula.

Confirmando essa visão de Bakhtin (2011), poderemos citar novamente os estudos de Todorov (2010) os quais apontam que a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características, pois as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto e com os sujeitos em um processo de interação verbal.

Considerações Finais

Quando falamos em letramento literário, muitas discussões afloram. Quando a possibilidade desse letramento advém da leitura de romance, deparamo-nos com muitas outras posições de pensamentos divergentes; quando se trata de um romance literário clássico, é que essas divergências são ainda mais aparentes.

Construímos ao longo deste artigo, através de alguns argumentos, a ideia de que o processo de letramento literário pode advir do trabalho em sala de aula com textos clássicos. Para consolidarmos a nossa defesa, apresentaremos, por fim, a visão de dois grandes nomes

da nossa crítica literária no que concerne à importância do romance clássico para o ensino de Literatura em sala de aula. O primeiro é Candido (1995), que defende que o professor tem o dever de apresentar de forma eficaz o texto literário clássico, assim como o aluno tem o direito de conhecê-lo, pois ele tem um papel fundamental para a construção do sujeito. O segundo, confirmando tal importância, é Compagnon (2009), que defende que o romance nos ensina muito mais sobre a vida do que longos tratos científicos, assim o romancista nos divulga o que estava em nós, mas que ignorávamos, pois falavam as palavras. Portanto, como não considerar a importância desse gênero? Como não ler os textos e os escritores clássicos em sala?

É sabido que muitas das vezes o professor subestima a capacidade de o aluno lidar com o texto literário. Conforme Batista (2006), uma das problemáticas do ensino de literatura é que os educadores condicionam o ensino ao livro didático (que já se mostra falho) e, ao mesmo tempo, os próprios educadores não leem nada, nem teorias de sua própria área. Não há como ser professor de Literatura se não for, primeiramente, um leitor. Talvez por isso que muitos professores defendem a ideia de que o letramento literário possa ser concebido a partir de textos que sejam da atualidade, ou seja, textos com os quais os alunos estejam em contato permanente e que refratam as suas identidades de forma clara, que o enredo seja o reflexo das suas vidas, que os personagens sejam os seus “clones”. Assim o texto prende o aluno e está desempenhando seu papel de letramento.

Essa não é uma verdade absoluta. Há outras possibilidades de letramento. Até porque o aluno tem o direito de que seu processo de crescimento como sujeito possa advir do texto literário clássico. Para tanto, o professor tem o dever de apresentá-los, uma vez que todos devem ter a oportunidade de passar dos níveis populares para o nível erudito. Dessa forma, poderemos concluir que o obstáculo não é a incapacidade de compreensão dos alunos, mas a falta de oportunidade de conhecer os grandes clássicos e, portanto, os grandes escritores (CANDIDO, 1995).

Ao assumirmos essa posição de que o letramento estaria ligado de forma direta aos textos de literatura moderna, estaríamos considerando as grandes obras literárias dos mestres da literatura como Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José Alencar, entre outros, como meras narrações sem valor algum para a Literatura e, portanto, para o processo de formação do sujeito leitor.

Deve-se deixar bem claro que o que se pretendeu aqui com estas reflexões não é desconsiderar a importância da adequação do texto literário à vida social do aluno como fator importante para o letramento dele, mas o que defendemos neste artigo é que os textos literários tidos como eruditos também têm esse poder, um poder de contribuir de forma imensurável para que o sujeito que se depare com ele se torne um leitor crítico e eficiente quanto à leitura. Segundo Compagnon (2009), o sujeito que ler os melhores e maiores escritores, sabe mais sobre o mundo e vive melhor.

O problema do letramento literário não está ligado a uma possível ausência de situacionalidade ou adequação do texto literário ao contexto do aluno, o problema está intrinsecamente ligado à forma como são apresentados e como são trabalhados os clássicos em sala de aula e, especificamente, no Ensino Médio. Nesse sentido, poderemos concluir que o obstáculo não é a incapacidade de compreensão dos alunos, mas as péssimas práticas pedagógicas do ensino de Literatura e a falta que os alunos têm de oportunidade de conhecer os grandes clássicos e, portanto, os grandes escritores.

Afirmarmos que um romance clássico não traz temáticas que chamem a atenção dos alunos ou personagens que sejam reflexos deles ou até mesmo afirmarmos que por se tratar de um romance “antigo” este se torna um pouco ineficaz para o letramento literário, é reconhecermos que nós professores somos os principais responsáveis pelo fracasso do ensino de Literatura nas escolas. Sendo ainda mais diretos, é assumirmos que o letramento literário ainda não nos contagiou e estamos assumindo publicamente que não somos e nem seremos capazes de frear essa aterrorizante crise por que passa o ensino de Literatura em sala de aula.

O que se apresenta como certeza é o quanto a Literatura é importante para o processo de humanização desses alunos. A literatura é uma necessidade universal, pois ela dá aos alunos forma aos seus sentimentos e à visão de mundo que os humaniza. Negá-la seria mutilar a humanização desses sujeitos. Para isso, é importante que saibamos que ensinar Literatura não é dividi-la, mas apresentá-la em toda a sua plenitude, sem a esfacelá-la em textos adequa-

dos ou inadequados, sem julgarmos a eficácia ou não de um texto literário para o letramento literário de um aluno. Candido (1995) conclui que os clássicos são fatores inestimáveis de afirmamento pessoal. Quando esse afirmamento não ocorre é porque a sociedade segrega as camadas e impede a difusão das obras literárias, por exemplo.

Sendo assim, poderemos traçar uma outra reflexão para estudos posteriores: a (in)eficiência do processo de letramento literário advém do texto ou das práticas pedagógicas?

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. *In: Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.307-337

BARBOSA, João Alexandre. Leitura, ensino e crítica da literatura. *In: _____. A Biblioteca Imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996. p.110-120

BATISTA, Antônio A. G. Alfabetização, leitura e escrita. *In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 13-17.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. *In: Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 1995. P.92-102

CANDIDO, Antonio. Introdução. *In: _____. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750 – 1880)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1995. p. 23-37.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In: PAIVA, Aparecida et al. (Coord.). Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 20). p. 55-68.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. *In: ZILBERMAN, Regina; ROSSING, Tânia M. K. (orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: global, 2009, p. 61-79. (Leitura e Formação).

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Recebido em 30 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.